

O Sofrimento No Espaço Público Virtual: Uma Análise Do Grupo Mães Sem Nome No Facebook¹

Aline Ferreira de Faria²

Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde / Fundação
Oswaldo Cruz

Resumo

A presente pesquisa tem por objetivo compreender a construção do sofrimento no espaço público pelo “Mães Sem Nome”, criado em 2011 a fim de reunir mães que passaram pela experiência da perda de um filho. A identidade em torno da dor é entendida aqui como uma construção da figura da “vítima”, possibilitando a legitimação do sofrimento e conquistando visibilidade social. Assim, foi analisada uma das páginas do grupo no *facebook*, escolhido, entre outras formas de expressão do grupo, devido sua inserção no espaço público. Realizou-se um recorte temporal para investigar quem, o que e como fala nessa página. Tomando como base reflexões sobre mobilização social, construção da “vitimidade” e midiaticização, concluiu-se que, além da identidade do sofrimento, não há um perfil de quem fala. Entretanto, foram detectados atores sociais externos “trazidos para falar”.

Palavras-chave

Sofrimento; Identidade; Vítima; Espaço público; *Facebook*

1- Introdução

“É uma dor tão insuportável [...] que chega ao limiar da loucura”, são as palavras, em entrevista ao Fantástico³, da fundadora do grupo “Mães Sem Nome”, criado em 2011 após a perda de sua filha, de 20 anos, em acidente de helicóptero, no qual estava com o namorado, filho de um ex-governador do Rio de Janeiro. Em busca de um alívio para sua dor, a mulher resolveu procurar outra mãe que havia passado pela mesma trágica experiência e cuja história de perda assimilava-se à dela. A partir do compartilhamento de seu sofrimento, ela criou um grupo a fim de que outras mães pudessem também buscar consolo no compartilhamento de sua dor com outras tantas que passavam pela mesma situação. O grupo possui um *site*, ainda em manutenção, e uma página no *facebook*, que reúne quase 18

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no curso de Informação e Comunicação em Saúde, da Fiocruz. alnaria@hotmail.com.

Trabalho orientado por Kátia Lerner, pesquisadora do Laces/Fiocruz e professora do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde/Fiocruz. katia.lerner@icict.fiocruz.br

³ Disponível em <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/02/projeto-na-internet-ajuda-maes-superarem-perda-dos-filhos.html>. Último acesso em 04 de julho de 2015 às 18h04.

mil curtidores e que permite o desabafo e a troca de relatos entre elas. O “Mães Sem Nome” conta também com um Núcleo de Psicologia, composto por “psicólogos solidários” dispostos a atender àquelas que necessitam de acompanhamento psicológico pelo preço que puderem pagar. Além disso, são realizados esporadicamente eventos e palestras fora do mundo virtual.

A pesquisa que aqui será apresentada teve por objetivo analisar a construção do sofrimento no espaço público pelo grupo “Mães Sem Nome”. Embora este projeto envolva um escopo de estudo mais amplo, que inclui a investigação da construção do sofrimento no espaço interno do grupo a partir de pesquisa de campo, o objetivo, por ora, é entender como este sofrimento se constitui e como se construiu a noção de vítima na esfera pública, expressa aqui pela página do *facebook*. Para tal, buscou-se identificar as estratégias enunciativas das mães nessa rede social. O componente comunicacional está presente aqui não apenas pela análise de um dispositivo midiático, mas expresso principalmente pelo processo no qual ocorre troca entre várias pessoas, possibilitando a articulação entre elas e servindo como instrumento para garantir visibilidade no espaço social.

Compreender a forma como determinado grupo social expõe publicamente seu sofrimento é importante na medida em que esse tipo de ação tem sido cada vez mais recorrente na sociedade, tanto no espaço físico quanto no virtual. A percepção dessa dinâmica social requer um olhar direcionado por uma perspectiva conflitual, que reflita sobre esses grupos a partir de suas tensas relações sociais, de modo que os discursos circulantes, tanto os apropriados quanto os que são postos em circulação, produzem sentidos que são constantemente negociados. Em outras palavras, esses grupos encontram-se imersos em um espaço social constituído por diversos atores, que disputam entre si o poder simbólico, o poder de reconstituir a realidade segundo sua própria visão (BOURDIEU *apud* ARAÚJO, 2009).

Nesse espaço conflituoso, a busca por reconhecimento e por visibilidade é permeada por estratégias discursivas que delineiam a construção de uma dada identidade em torno de um grupo, da qual falaremos de forma mais detalhada posteriormente. A narrativa pública do sofrimento vem ganhando espaço nessa sociedade constituída por sentidos circulantes e negociados. O advento das novas redes informacionais e comunicacionais acirrou ainda mais essa disputa social, trazendo ferramentas cada vez mais potentes de divulgação e interação e, conseqüentemente, ampliando a busca por visibilidade desses grupos. Essas ferramentas, em especial as redes sociais, vêm se apresentando como eficazes opções na

busca por reconhecimento social, que é frequentemente expresso em demandas políticas e como forma de tornar legítimas suas reivindicações.

Além disso, deve-se observar que esta pesquisa insere-se no campo da saúde a partir do diálogo que estabelece com a questão da medicalização e do alargamento do uso do termo “saúde mental”, entendido segundo o conceito ampliado de saúde. De acordo com Alain Ehrenberg (2004), a abrangência do campo de aplicação desta área envolveu a extensão de sua ação para além das típicas patologias, incluindo novos fenômenos, entre os quais o sofrimento psíquico. Para o autor, o estabelecimento do campo da saúde mental faz parte do processo pelo qual vem passando a psiquiatria.

Entretanto, o sofrimento no grupo aqui estudado deve ser cautelosamente inserido nessa perspectiva, a fim de não incorrer em sua medicalização, que, segundo Peter Conrad (2007), envolve o abarcamento de processos e comportamentos comuns da vida humana para o campo médico, passando a serem tratados e tendo seus significados compreendidos segundo essa perspectiva. Conrad (2007) enfatiza que a medicalização é produto de uma ação coletiva, incluindo profissionais da saúde, pacientes, grupos sociais e não apenas médicos. A investigação do sofrimento no grupo “Mães Sem Nome” não deve, portanto, ser imediatamente inserido no universo do psiquismo, hoje compreendido como integrante da saúde mental. O objetivo aqui é estabelecer a interlocução com a saúde a partir da relação do grupo com o seu Núcleo de Psicologia, observando se o sofrimento é tratado a partir de uma perspectiva psicologizante ou se, de fato, evita-se “a medicalização automática do luto”, como afirmam as mães sem nome em seu site.

2- O sofrimento e a figura materna no processo de construção da “vitimização”

O lugar social da maternidade é envolto, na contemporaneidade, por um dilema em que se configura, por um lado, uma espécie de aura sagrada em torno da figura materna e, por outro, a escolha em não ser mãe. Nas sociedades rurais, a maternidade era associada à fertilidade da terra, enquanto que na Idade Média, assim como a vida da criança, ela tinha outro valor, de modo que o infanticídio era tolerado (SCAVONI, 2001). A “invenção da maternidade” teria ocorrido a partir do final do século XVIII com o advento da noção de amor romântico e de alteração das relações entre pais e filhos, tendo se acentuado no século XIX com a redução do poder patriarcal e a exaltação do papel natural da mulher nas ditas

obrigações maternas, havendo um deslocamento da “autoridade patriarcal para a afeição maternal” (GIDDENS *apud* SCAVONI, 2001).

Com a sociedade industrial e a entrada da mulher no mercado de trabalho, ocorreu a transição de um modelo tradicional de maternidade para o modelo moderno, no qual a função de ser mãe é apenas um dos atributos da mulher, entre outras possibilidades. A corrente feminista teria contribuído ainda mais com a reflexão a respeito das implicações sociais e políticas da maternidade, considerando-a uma fonte de opressão da mulher. Por outro lado, em um segundo momento, uma corrente inspirada na Psicanálise teria recuperado o caráter exclusivo e positivo da maternidade como parte da identidade feminina, trazendo, inclusive, a discussão do papel paterno e da divisão de responsabilidades (SCAVONI, 2001). “De fato, passou-se das posições que ressaltavam as implicações sociais negativas da maternidade para as que valorizavam seus aspectos psicoafetivos; de uma forte negação para uma vibrante afirmação [...]” (SCAVONI, 2001, p. 53). A contraposição entre essas duas visões teria culminado em um duplo caráter da maternidade na sociedade atual, um positivo e outro negativo (SCAVONI, 2001).

Portanto, a valorização da maternidade e, conseqüentemente, do sofrimento materno, não está restrita apenas ao grupo de mães aqui estudado, mas é compreendida dentro de um parâmetro social que não apenas reconhece a legitimidade de sua dor, mas, acima de tudo, atribui-lhe um caráter único. Nesse contexto, a dupla visão da maternidade perde de certa forma seu sentido, pois uma vez feita a escolha de ser mãe, o atributo sagrado de sua figura é imediatamente acionado. A perda de um filho é vista, assim, como um rompimento nessa sacralidade, de forma que o reconhecimento do sofrimento passa a ser a expressão máxima da legitimidade materna.

Não apenas a maternidade adquire um estatuto de sacralidade, mas também a própria noção de “vítima” vem assumindo esse sentido. A construção da noção de “vítima” na sociedade atual envolve, no âmbito dos preceitos de justiça e democracia e de consolidação dos direitos humanos, o reconhecimento do sofrimento pelo qual passaram alguns grupos específicos em diversas situações, tais como guerra, desastres naturais e diversos tipos de violências sofridas. Tal reconhecimento é correntemente permeado pela ideia de responsabilidade social e de ações que visem recompensar tais grupos (SARTI, 2011). Compreender as percepções da sociedade em torno da figura da vítima permite perceber as transformações nas relações sociais intrínsecas a essa noção.

Fassin e Rechtman (2009), em seu trabalho *O império do trauma*, demonstram como as representações sociais do sofrimento se transformaram ao longo do século XX, o que envolveu os modos pelos quais as sociedades vêm lidando com os indivíduos que vivenciaram situações traumáticas. Os autores apontam que durante a Primeira Guerra Mundial, os soldados acometidos por esse problema eram vistos como covardes, pois estariam fugindo à responsabilidade de defender o país ao passo que os companheiros o faziam. Ao mesmo tempo, eles mostram que os operários das fábricas eram considerados preguiçosos, uma vez que estariam agindo de tal modo para conseguir indenização e não trabalhar. Essa percepção começa a mudar com o advento, em 1980, do DSM-III (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*), no qual se configura o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), nova categoria diagnóstica que passa a reconhecer o sofrimento daqueles indivíduos como patologia, atribuindo-lhes o estatuto de vítimas. O reconhecimento dessa categoria, entretanto, teria sido atingido através da luta de diversos atores sociais, entre eles ex-combatentes da Guerra do Vietnã, feministas, grupos de ativistas e profissionais da saúde, com destaque para psiquiatras (FASSIN e RECHTMAN, 2009).

O caso do trauma exemplifica não apenas como as percepções sociais em torno da figura da vítima são cambiáveis e processuais, mas principalmente a forte influência dos atores sociais no processo de reconhecimento da legitimidade do sofrimento da vítima. Atualmente, esses atores vêm mostrando grande atuação e conquistando visibilidade através de sua formação em torno de uma identidade em comum, possibilitando maiores condições de reivindicação de direitos e, por vezes, conquistando inclusive políticas voltadas especificamente para eles. Tal conquista é bastante visível, hoje, no caso da violência contra a mulher.

Os movimentos sociais de cunho identitário têm exercido papel fundamental na construção da noção de vítima, o que tem causado impacto nos campos do Direito e da Saúde. No caso do reconhecimento do ato de violência, políticas públicas em saúde são pensadas para atender a grupos considerados vulneráveis (recortados por idade, gênero), enquanto outros são desconsiderados (SARTI, 2011, p. 51-52).

A formulação de políticas públicas é a face mais explícita do resultado desse processo, mas diversos tipos de reivindicação podem fazer-se presentes na mobilização

desses grupos, que atuam, enquanto atores sociais ativos, na produção da vitimidade e na busca pelo reconhecimento de seu sofrimento. Nesse processo, a exposição das emoções é, como já foi dito, uma estratégia cada vez mais utilizada ao colocar a própria fala em circulação, servindo, dessa forma, como instrumento de luta política.

Em artigo sobre a mobilização das mães que perderam seus filhos, vítimas de brutais atos de violência, na cidade de Altamira, Paula Lacerda (2014) mostra como esse ato foi um fator intrincado ao sofrimento da perda, sendo, muitas vezes, associado até a dor física (“enxaquecas”, “problemas de coração”, “pressão alta”). Nesse caso, a mobilização das mães e parentes das vítimas aparece aqui tanto como ação política (em busca de justiça) quanto como gestão das próprias emoções.

Ao decidirem falar sobre o ‘caso dos meninos’, ao decidirem ocupar o espaço público das ruas de Altamira significando os brutais crimes como ‘um problema de todos’, os familiares ultrapassaram a primeira barreira imposta pelo terror que resultaria no ocultamento dos crimes, via silenciamento. (LACERDA, 2014, p. 59)

Portanto, a fala surge como um recurso de saída do sofrimento subjetivo para exposição da dor no espaço público, tornando a reivindicação não apenas um reconhecimento do sofrimento individual, mas uma questão social ou “um problema de todos”. Aqui, assim como no “Mães Sem Nome”, a exposição das emoções na esfera pública requer a tentativa de sair do silenciamento e mobilizar-se em torno de uma luta, que é política e também social.

Em uma sociedade cada vez mais midiática, o sofrimento ultrapassa o fórum íntimo e a sua exposição passa a ser uma forma de luta política, sendo esta compreendida não mais como os embates que se dão no âmbito de classes e instituições, mas sob uma nova concepção, na qual as tensões sociais e a disputa por visibilidade no espaço público tornam-se o novo parâmetro. Nessa sociedade, entendida por Milton Santos (2006) como “meio técnico-científico-informacional”, os fluxos informacionais e comunicacionais tornam-se os principais agentes nos processos sociais e os espaços passam a se organizar de modo a atender a circulação desses fluxos, cada vez mais amplos (SANTOS, 2006). A inserção nesses circuitos, entretanto, ocorre de forma conflituosa, uma vez que a sociedade é composta por diversas comunidades discursivas que disputam entre si o poder de falar e ser

ouvido, gerando tensas relações e produzindo-se sentidos constantemente negociados (ARAÚJO, 2009). A expressão do sofrimento configura-se, assim, como uma poderosa estratégia enunciativa nesse espaço em disputa, aliando-se cada vez mais a outra figura em destaque no mundo contemporâneo: a vítima.

3- A inserção no espaço social pelo *Facebook*

3.1- O sofrimento comunicado na mídia social

O objetivo desta pesquisa, por ora, é compreender como o sofrimento é construído pelo grupo “Mães Sem Nome” para um público externo, construindo a sua visibilidade enquanto grupo social a partir da sua constituição identitária, formada pela figura materna, legitimamente reconhecida pela sociedade, e pela trágica experiência da perda. Para tal, buscou-se analisar aqui a página do grupo no *facebook*. Inicialmente, a análise seria feita com base no site oficial, mas como este se encontrava em construção, optou-se pelo *facebook*. Assim, realizou-se uma pesquisa exploratória a fim de observar, de maneira geral, as principais características das postagens, sendo encontradas duas páginas nessa rede social, uma cadastrada como “perfil” e a outra como “comunidade”⁴. Nessa fase, observou-se que a maior parte das postagens nesta última apresentava conteúdo de estímulo com mensagens de superação, mas nem sempre ficava explícito que a superação referia-se à perda. A evocação do elo da maternidade era bastante usada nas postagens, embora não ficasse sempre explícito que o grupo referia-se a mães que perderam os filhos, sendo necessária a leitura da apresentação para essa identificação. Ainda assim, ficou perceptível nos *posts* a tentativa de superação de um momento triste e difícil. Já a página “perfil” apresentava maior número de fotos das mães integrantes e dos eventos por elas realizados, embora também contivesse as mensagens de superação. Nessa página, o motivo que as unia, a perda de um filho, ficou mais explícito.

Ainda na fase exploratória, observou-se que a escolha do nome do grupo justifica-se na leitura de sua apresentação no *facebook*. No campo “sobre” está a seguinte descrição: “Quando um filho(a) perde seus pais fica órfão(a). Quando perdemos o marido/esposa, ficamos viúvos(as).

⁴ As páginas podem ser encontradas pelos links: <https://www.facebook.com/maessemnome> e <https://www.facebook.com/maessemnomereaprendendoaviver>

Quando a mãe perde seu filho, não tem nome.” Tal apresentação demonstra a tentativa de se criar a identidade de um grupo a partir de uma não-identidade, ou seja, um grupo de pessoas que não são nomeadas pela sociedade. Assim, reivindica-se o reconhecimento social de algo que se encontraria invisível pela não-nomeação. O sofrimento apresenta-se aqui, portanto, como fator de demanda da visibilidade da dor da perda. Além disso, a logomarca do grupo é um trevo de quatro folhas, sendo que estas apresentam o formato de corações, simbologia do amor. As cores cinza em um dos corações e verde nas outras também são representativas da tristeza e da esperança.

Dado o caráter experimental dessa fase, houve a necessidade de uma maior reflexão acerca das questões teóricas que perpassam o objeto e de formulação de problemas que permitam analisá-lo segundo um olhar direcionado. Como não seria possível, no tempo disponível, investigar detalhadamente as duas páginas, a primeira decisão metodológica que se fez necessária foi a opção pela análise da página “comunidades”, uma vez que, diante das características observadas na fase exploratória, acreditou-se que esta forneceria maior número de postagens que permitissem analisar a imagem do grupo para um público externo. Ainda assim, visto o grande volume de fluxos informacionais que circulam nessa mídia social, houve a necessidade de um recorte temporal da página “comunidades”. Desse modo, estabeleceu-se como ponto temporal para início da análise a postagem, como “capa” da página, do cartaz de anúncio do Dia das Mães, datando do dia 20 de abril. A escolha metodológica dessa postagem se deu porque foi um evento considerado importante para o grupo em questão, sendo bastante divulgado por elas em suas mídias sociais. O evento, realizado em 10 de maio, ocorreu no Corcovado, Rio de Janeiro, e contou com a presença de diversos atores sociais, inclusive de religiosos para a realização de uma celebração. O ponto final de análise foi o dia 13 de junho, data limite da análise no cronograma da pesquisa. Uma vez estabelecidos os recortes metodológicos, iniciou-se a observação da dita página, buscando-se responder às seguintes perguntas: Quem fala? Quem é trazido para falar? Existe um perfil de quem fala? O que falam e como?

A observação direcionada por essas problematizações foi conduzida também a partir das reflexões teóricas acerca do uso das redes sociais por um grupo identitário. Em capítulo do livro “A Galáxia da Internet”, Castells (2003) aponta a “cultura comunitária virtual” como um dos tipos de cultura existentes na internet, tendo como principais valores a comunicação livre e horizontal e o que chama de “formação autônoma de redes”, de maneira que qualquer pessoa tem a possibilidade de encontrar-se na rede ou de nela divulgar suas

próprias informações. Essa experiência é bem explicitada pelo exemplo do “Mães Sem Nome”, que se articula no mundo virtual. Por outro lado, vale ressaltar que esse objeto dialoga também com as reflexões sobre mídiatização, o que permite pensar aqui não apenas na inclusão do grupo na mídia social através do *facebook*, mas também na inserção, em todas as esferas sociais, de instâncias mídiatizadas. Fausto Neto (2008), em texto que aborda a enunciação mídiatizada no discurso jornalístico, diz que esse fenômeno, enquanto uma “realidade própria”, tem influência direta na autonomia do campo da comunicação e nas maneiras de referenciamento do mundo e de si.

Tecnologias são convertidas em meios de interação e redefinidoras de práticas sociais, ou incidem diretamente sobre os regimes de discursividade, submetendo diferentes campos sociais às novas lógicas e processos de enunciabilidade. Esse novo cenário de interação produz rupturas, mas também a necessidade de dispositivos que re-instalem formas de contato. Nele, as mídias não são apenas meios, mas um amplo ambiente, e assim se transformam em dispositivos, espécie de “sistema” regulador que, através de suas próprias auto-operações, realizam o funcionamento de um novo tipo de trabalho do registro do simbólico (NETO, 2008, p. 127-128).

Para Adriano Duarte Rodrigues (2004), em capítulo de livro sobre as estratégias de comunicação no espaço social, a legitimidade do *campo dos media*, enquanto campo social autônomo, advém da autonomização de parte da mediação de outros campos sociais. O autor define *campo dos media* como a

[...] instituição de mediação que se instaura na modernidade, abarcando, portanto, todos os dispositivos, formal ou informalmente organizados, que têm como função compor os valores legítimos divergentes das instituições que adquiriram nas sociedades modernas o direito a mobilizarem autonomamente o espaço público, em ordem à prossecução dos seus objectivos e ao respeito dos seus direitos (RODRIGUES, 2004, p. 152)

A partir dessa definição e das reflexões sobre sociedade mídiatizada, considera-se aqui o “Mães Sem Nome” um grupo social imerso nesse ambiente estruturado pelas dimensões discursivas comunicacionais, utilizando estratégias enunciativas próprias desse campo de mediação como forma de se articular no espaço social, adquirindo, assim,

visibilidade e reconhecimento das próprias emoções, expressas publicamente, enquanto formas de legitimação do seu sofrimento. Vale lembrar, entretanto, que o uso dessas estratégias se dá de forma tensa, uma vez que os sentidos produzidos por elas são constantemente negociados no espaço social mediatizado, constituído por grupos em permanente disputa.

Tendo em vista essas questões, procurou-se observar a página do grupo no *facebook* a fim de responder às perguntas propostas. A partir de uma prévia pesquisa, percebeu-se que os conteúdos das postagens poderiam ser divididos em grandes blocos. Além de apontar para “o que é falado”, essa divisão facilitaria a percepção de “quem” e de “como fala”. Foram detectados quatro blocos: 1- Postagens do dia das mães; 2- mensagens de conforto, superação e animação; 3- postagens de fotos de membros do grupo; 4- postagens com links para matérias e textos externos. As únicas postagens que não se encaixavam em nenhum desses blocos foi a da logomarca do grupo como foto de perfil⁵ e a de uma foto do Rio de Janeiro, com o convite para que outras mães postassem paisagens de sua cidade também.

De modo geral, percebeu-se que todas as postagens principais são feitas pela própria página do grupo, de modo que a comunidade não foi “marcada” por ninguém em nenhum momento, ao menos dentro do *corpus* estabelecido pelo recorte temporal aqui explicitado. Entretanto, não se sabe se o responsável pela página optou por não ser marcado em momento algum ou se ninguém executou essa ação. Já os curtidores e seguidores da página se fazem presentes por meio dos comentários nas postagens principais, que, por vezes, também são comentadas pelo moderador da página estudada.

Em relação ao evento do Dia das Mães, foram encontradas nove postagens, sendo quatro delas referentes à inserção de fotos do acontecimento no álbum do grupo. Em uma dessas inserções, com 170 fotos, foram feitos comentários que apontam para uma convivência com algumas dessas mães no mundo não virtual (“Que realização poder estar com os [sic] Mães SemNome [sic] e obrigada a amiga M⁶ minhas cunhadas irmã I D...Sem vocês eu não conseguia”) e para a tentativa de consolo mútuo (“As vezes tdo [sic] do que queremos e precisamos e [sic] de um abraço assim caloroso, de um ombro para encostar”). Duas das postagens sobre o evento são agradecimentos a dois patrocinadores de lanches durante a celebração, uma é um lembrete do evento, um é o convite para que as mães

⁵ A foto atual é a imagem do Corcovado iluminado na noite de celebração do Dia das Mães.

⁶ Foram mantidas apenas as iniciais dos nomes das pessoas citadas no *facebook* a fim de manter suas identidades preservadas.

presentes usassem as unhas com as cores do grupo (cinza e verde) e, por fim, a primeira é o anúncio da celebração, o nosso ponto inicial de análise.

O segundo bloco compõe um volume maior de postagens, trazendo diversos tipos de mensagens de superação, a maior parte de frases de imagens compartilhadas. São bastante presentes ilustrações com palavras desejando um bom dia e também postagens que tentam criar uma interação entre os seguidores por meio de perguntas e proposições como “o que é saudade para você?” “o que você tem oferecido ao próximo?” ou “aproveite e nos conte o que a diverte”. Além disso, as palavras “foco”, “força” e “fé”⁷, nomeadas conjuntamente como os “3Fs” em uma das postagens, aparecem constantemente na página. De modo geral, nem sempre fica explícito que a superação refere-se à perda. A evocação do elo da maternidade é bastante usada, embora não fique sempre claro que o grupo refere-se a mães que perderam os filhos, sendo necessária a leitura da apresentação para essa identificação. Ainda assim, é perceptível nos *posts* a tentativa de superação de um momento triste e difícil. Esse tipo de mensagem pode ser exemplificado por frases escritas pelo próprio responsável da página (“que o amargo que às vezes a vida nos dá não seja suficiente para contaminar a doçura que em nós deve haver”) ou por mensagens trazidas de fora por meio das ditas imagens (“Um médico sábio falou: o melhor remédio é amor e carinho... Alguém perguntou: e se não funcionar? O sábio sorriu e respondeu: Aumente a dose”).

Quanto ao terceiro bloco, foram encontradas apenas duas postagens, referente ao “encontro com mães de outros estados”, contando com 56 fotos adicionadas ao álbum, e uma foto de uma das mães com a escritora Glória Perez. Abaixo desta foto, destaca-se o comentário de uma integrante: “Somos mães que sofremos de uma dor sem cura e sem nome. É a dor das dores”. Ainda que composto por apenas dois *posts*, optou-se por analisar esse bloco separadamente visto que a postagem de fotos dos membros depende da ocorrência de eventos realizados pelo grupo. A celebração do Dia das Mães, por exemplo, contou, como foi dito, com a inserção de fotos também, mas preferiu-se manter essas inserções no bloco referente a essa data comemorativa, visto tratar-se de um evento de grandes proporções para o grupo. Além disso, durante a pesquisa exploratória, observou-se que a página “perfil” do “Mães Sem Nome” possui maior compartilhamento de fotos de seus membros. Esse fato pode indicar tanto uma maior tendência para esse tipo de postagem

⁷ A presença da fé enquanto estímulo à superação é marcante. Aliás, a presença de fotos das mães com um padre no Dia das Mães, sendo inclusive capa da página “comunidades”, aponta para a participação de atores sociais religiosos, embora o grupo não se identifique com uma religião especificamente.

nessa página quanto um maior uso da mesma para esse fim apenas nos dias próximos à pesquisa exploratória.

O quarto bloco é composto por links para textos e vídeos externos. Em outras palavras, ele aponta para quem é trazido para falar no grupo. Ressalta-se, nesse caso, a presença de entrevistas e depoimentos de celebridades, como a atriz Ana Rosa e a mãe do cantor Cazuza⁸. Ambas passaram pela experiência da perda de um filho. Foram encontrados também três links com conteúdo de incentivo e superação (“13 coisas para pensar quando a vida estiver difícil”, com ideias de Buda; “Que tal aprender uma lição de vida?”, com dicas de coaching; vídeo “A psicologia do dia a dia”, com a mensagem “aquilo que damos recebemos de volta”). Destaca-se o link para uma matéria do canal GNT na qual uma médica geriatra lista os maiores arrependimentos de uma pessoa no fim da vida. Nesse caso, o conteúdo da postagem está ligado à temática da morte, devendo-se ressaltar o fato de uma médica ser chamada a falar sobre o assunto.

3.2- A construção identitária e memmônica no *facebook*

O sofrimento no grupo Mães Sem Nome é construído através da identidade da perda de um filho. Conforme refletido inicialmente e expresso pela frase “somos mães que sofremos de uma dor sem cura e sem nome”, a dor de uma mãe é legitimamente reconhecida pela sociedade por meio da sacralização da figura materna, embora a apresentação do grupo reivindique o reconhecimento do que seria uma dor indizível. A constituição dessa imagem social, assim, configura uma memória em torno do sofrimento. Esta não deve ser, entretanto, considerada como formadora de coesão entre os membros do grupo, mas sob uma perspectiva conflitual. Michael Pollak (1989), em artigo sobre memória e silenciamento, considera que há uma clivagem entre uma memória oficialmente estabelecida e as que denomina “memórias subterrâneas”, representando as tensões sociais na construção da memória coletiva. Para o autor, o silenciamento não se constitui em esquecimento, mas em uma forma de resistência. É preciso lembrar também que o espaço virtual apresenta-se, atualmente, como uma nova forma de constituição de grupos identitários.

⁸ A foto com a atriz Glória Perez também é exemplo da presença de uma personalidade que passou pela mesma experiência de perda das mães do grupo.

Podemos afirmar, primeiramente, que os mecanismos de sociabilidade que possibilitam a construção de identidades e dos processos identificatórios foram profundamente alterados pela dinâmica singular verificadas na sociedade moderna contemporânea, graças a ampliação das redes comunicacionais e informacionais. Em segundo lugar, que esse processo foi responsável por exacerbar a compreensão do tempo e do espaço, diminuindo a distância física e psicológica entre as culturas e as sociedades que passaram a conviver simultânea e instantaneamente com os mesmos fatos e acontecimentos. Em terceiro lugar, que a comunicação e a informação não devem ser vistas apenas como instrumentos de entretenimento ou de difusão de conhecimentos, mas fundamentalmente como importantes variáveis estratégicas que envolvem e determinam a construção de identidades e interferem nos processos de mobilização e participação a favor da regulação ou da mudança social (OLIVEIRA, 2002, p. 60).

No “Mães Sem Nome” a identidade construída em torno do sofrimento e da figura materna contribui para a sua constituição enquanto vítimas na sociedade, ampliando o poder de sua mobilização, ainda que esta não seja explicitada enquanto tal, estando, muitas vezes, camuflada pelo sentido subjetivo da ação. Na página do *facebook* aqui analisada, apenas um comentário indicou, pela presença da palavra “movimento”, o caráter mobilizatório do grupo: “M! Parabéns por ter unido tantos corações partidos! Vc eh muito especial! Desejo a todas as mães sem nome muito amor, pq acredito que só o amor confortará a todas! Meu profundo respeito e admiração pelo movimento! Beijjos!”.

Por outro lado, observou-se que não são marcantes na página relatos ou histórias de vida que mostrem o que levou as pessoas a se unirem nesse grupo. Foi encontrada apenas uma postagem de expressão individual da emoção (“Hoje está doendo demais, a falta das minhas filhas!!”). Outras expressões subjetivas fizeram-se presentes, mas apenas como resposta às perguntas e proposições feitas nas postagens principais e não como formas espontâneas de exposição da subjetividade. Apesar disso, não se pode afirmar que houve aqui um silenciamento da memória dessas mães. Tal suposição poderia ser errônea, uma vez que o desabafo e relato de histórias pessoais de vida podem ocorrer em outro espaço que não o *facebook*, mídia com gênero discursivo próprio. Como foi dito anteriormente, as atividades das mães sem nome não se resumem ao mundo virtual. Portanto, os momentos de relatos subjetivos podem se desenrolar não no espaço público, mas no espaço interno. Por isso, essa afirmação não pode ser feita aqui, devendo ser um elemento instigador para pesquisa futura.

4- Conclusão

A presente pesquisa teve por objetivo principal a análise da construção do sofrimento na página do facebook do grupo Mães Sem Nome. Pretendia-se observar as estratégias enunciativas presentes a partir das perguntas “quem fala”, “o que fala”, “como fala” e “quem é trazido para falar”. A partir da análise do *corpus*, estabelecido pelo recorte temporal e pelas prévias opções metodológicas, foram identificados cinco blocos de conteúdos veiculados nos *posts*: 1- Postagens do dia das mães; 2- mensagens de conforto, superação e animação; 3- postagens de fotos de membros do grupo; 4- postagens com links para matérias e textos externos.

Observou-se a presença de atores sociais externos, seja diretamente, como na foto de membros do grupo com um padre e com a escritora Glória Perez, seja indiretamente, por meio dos atores “trazidos para falar” nos *links* externos. Embora um deles traga a palavra de uma médica geriatra sobre o tema da morte e outro tenha o título “a psicologia do dia a dia”, não foi detectada a existência de um discurso psicologizante, já que nenhuma postagem sugeria o “tratamento” do luto por meio de ajuda de profissionais ou dispositivos do campo da saúde. De fato, não foi sequer encontrada referência ao Núcleo de Psicologia no *corpus* estabelecido.

Por fim, não foi possível identificar um perfil do usuário e dos seguidores da página. As postagens principais foram feitas pelo próprio responsável da página, enquanto os comentários dos posts não dizem nada a respeito dessas pessoas, pois a subjetividade não é explicitamente exposta ali.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Inesita Soares de. Contextos, mediações e produção de sentidos: uma abordagem conceitual e metodológica em comunicação e saúde. **RECIIS**, v.3, n.3, 2009.

CASTELLS, M. A Cultura da Internet. In: _____ **A Galáxia da internet**. Rio de Janeiro: Zahar eds., 2003. p. 34-55.

CONRAD, Peter. *The Medicalization of Society: on the transformations of human conditions into treatable disorders*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2007.

EHRENBERG, Alain. Les changements de La relation normal-pathologique. À propos de la souffrance psychique et de La santé mental. **Esprit**, 2004.

FASSIN, Didier; RECHTMAN, Richard. **L’empire du Traumatisme**: enquête sur La condition de victime. Paris: Éditions Flammarion, 2007.

LACERDA, Paula. O sofrer, o narrar, o agir: dimensões da mobilização social de familiares de vítimas. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 49-75, jul./dez. 2014.

NETO, Antônio Fausto. Mudanças da medusa? A enunciação midiaticizada e sua incompletude. In: _____ et al (orgs.). **Midiaticização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008.

OLIVEIRA, V. C. Comunicação, Identidade e Mobilização na Era da Informação. In: PERUZZO, Cícília; BRITTES, Juçara. **Sociedade da Informação e novas mídias: participação ou exclusão?** Intercom, São Paulo, 2002.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O campo dos Media. In: _____. **Estratégias da Comunicação**: questão comunicacional e formas de sociabilidade. Barcarena: Editorial Presença, 2004.

SARTI, Cynthia. A vítima como figura contemporânea. In: **Caderno CRH**. Salvador, v. 24, n. 61, p. 51-61, 2011.

SCAVONE, Lucile. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. In: Interface _ **Comunic, Saúde, Educ**, v.5, n.8, p.47-60, 2001.